

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE

Larissa Moraes Cunha

ENTRANDO NO MUNDO MÁGICO DA LITERATURA.

Porto Alegre
2012

LARISSA MORAES CUNHA

ENTRANDO NO MUNDO MÁGICO DA LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso, submetido ao curso de Especialização em Pedagogia da Arte, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em pedagogia da Arte.

Orientadora: Dr^a Vera Lúcia Bertoni dos Santos

Porto Alegre
2012

Larissa Moraes Cunha

ENTRANDO NO MUNDO MÁGICO DA LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso, submetido ao curso de Especialização em Pedagogia da Arte, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em pedagogia da Arte.

Aprovado em: Porto Alegre, 06 de dezembro de 2012.

Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Bertoni dos Santos – orientadora.
UFRGS

Prof^a. Dr^a. Suzana Rangel Vieira da Cunha

Prof^a. Dr^a. Marcelo de Andrade Pereira

Dedico este trabalho à minha mãe Maria Zilá Moraes Cunha, à minha irmã Aline Moraes Cunha, aos profissionais da ACM Morro Santana e aos alunos com os quais e para os quais trabalho e realizei a presente pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Vera Lucia Bertoni dos Santos, pela compreensão e disponibilidade com os quais se dedicou na construção da pesquisa.

A minha irmã Aline Moraes Cunha, pelas horas dedicadas ao meu trabalho, na correção e apoio para que este trabalho fosse concluído.

A meu namorado Cristiano Luis Dalvit, pelo apoio e compreensão durante o período de construção deste trabalho.

E à coordenação da ACM unidade Morro Santana, que me permitiu a realização desta atividade investigativa, com o intuito de qualificar também o atendimento prestado pela instituição.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização tem como objetivo propiciar a reflexão sobre uma proposta de trabalho que busque promover atividades lúdicas e pedagógicas capazes de despertar nas crianças o gosto pela leitura de forma lúdica e compartilhar aspectos da experiência pedagógica junto às crianças, na Instituição ACM – Associação Cristã de Moços – Unidade Morro Santana em Porto Alegre. A partir da observação das atividades que eram realizadas com as crianças em sala de aula, foi possível perceber dificuldades na sua aprendizagem comportamental, bem como, de concentração e capacidade imaginativa, fragilizadas por questões relacionadas ao seu contexto social. A presente pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada com base na junção de materiais teóricos com as atividades práticas vivenciadas pela autora, tendo a coleta de dados realizada através de oficinas com o uso de recursos áudio visuais, contação de histórias e brincadeiras de faz de conta. Para a sua viabilização, contei com o aporte teórico de Aroeira, Bruno Bettelheim, Susana Rangel Vieira da Cunha, Paulo Freire, Elias José, Francisco Peres, Jean Piaget, Katia Smole, Katia Rodrigues e Cléo Busatto. Desta forma, ao relacionar os referenciais teóricos com as atividades vivenciadas pelos alunos, foi possível concluir que a literatura e o faz de conta, incentivam o “ensino/aprendizagem”. Percebendo assim que a imaginação e o jogo simbólico, contribuem positivamente para o crescimento psicossocial dessas crianças, podendo apontar um caminho para o enfrentamento dos seus medos e para o crescimento do seu potencial imaginário.

Palavras-chave: Contação de histórias. Imaginário. Simbólico. Literatura. Vila Chocolate.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 REFERENCIAL TEÓRICO	10
1.1 Literatura e a Criança: o mundo mágico	10
1.2 A Imaginação e a Infância	15
1.3 A importância do “brincar”	18
2 METODOLOGIA.....	20
2.1 O método escolhido	20
2.2 Procedimentos da coleta de dados	20
2.3 Avaliação dos resultados	22
2.4 Caracterização do local e os sujeitos da pesquisa.....	22
2.4.1 ACM - sua trajetória e proposta pedagógica em Porto Alegre	22
2.4.2 ACM Morro Santana – o local e público do estudo	24
3 RESULTADOS ALCANÇADOS	28
3.1 Descobrimos Novos Saberes	28
3.2 Impressões das crianças: da contação ao faz de conta.....	33
3.2.1 Sobre a menina que odiava ler livros	33
3.2.2 Sobre a fada que tinha ideias	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo propiciar a reflexão sobre uma proposta de trabalho que busque promover atividades lúdicas e pedagógicas capazes de despertar nas crianças o gosto pela leitura de forma lúdica, bem como compartilhar aspectos da experiência pedagógica vivenciada junto às crianças, na Instituição ACM – Associação Cristã de Moços, unidade Morro Santana em Porto Alegre.

Com este objetivo e questionando “Como é possível despertar o interesse de crianças para a leitura de forma lúdica e prazerosa?”, pergunta norteadora do problema de pesquisa, definiu-se como tema para esta investigação “O incentivo à leitura através do lúdico”.

A motivação para a realização deste trabalho e identificação do problema de pesquisa, surge na autora, pertencente à equipe de profissionais da ACM, quando esta passou a atender um novo público: as crianças da Vila Nova Chocolate. Neste novo público, foram identificadas dificuldades na leitura e escrita, particularmente na turma integrada por crianças 20 crianças da faixa etária de seis à nove anos. E assim, passou a planejar uma metodologia de trabalho que pudesse auxiliar estas crianças em suas dificuldades.

Para a estruturação e compreensão deste estudo, optou-se pela divisão do mesmo em 4 capítulos.

No Primeiro capítulo será apresentado o referencial teórico norteador deste estudo, de forma a elucidar as bases para as relações traçadas entre o mundo mágico da literatura, a criança, as “contações” de história, o simbólico e o imaginário e o brincar.

No Segundo capítulo, será apresentada a metodologia de pesquisa utilizada para a realização deste estudo. A mesma consistiu em uma pesquisa qualitativa com o uso de dados primários e secundários levantados por meio de pesquisa bibliográfica, documental e de observação de campo a partir da efetivação de oficinas pedagógicas realizada com 2º crianças atendidas pela ACM unidade Morro Santana. Como forma de medição dos resultados alcançados, adotou-se a realização de encontros avaliativos com as crianças, posteriormente à aplicação das referidas oficinas. Ainda no segundo capítulo apresenta-se a caracterização do espaço objeto da pesquisa, trazendo uma breve revisão histórica quanto à entidade

ACM, sua trajetória de implantação em Porto Alegre e da Unidade Morro Santana e também a caracterização do público atendido pela ACM e estudado neste trabalho.

No terceiro capítulo, apresenta-se os resultados alcançados, trazendo o relato das atividades desenvolvidas, impressões que as crianças tiveram acerca das histórias trabalhadas, bem como mudanças e melhorias alcançadas.

No quarto e último capítulo, se colocam as considerações finais em relação ao alcance do objetivo inicial, bem como os benefícios trazidos por este curso de especialização e pela realização da presente pesquisa, para a instituição, as crianças atendidas e para a própria autora.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo será apresentado o referencial teórico norteador deste estudo, de forma a elucidar as bases para as relações traçadas entre o mundo mágico da literatura, a criança, as “contações” de história, o simbólico e o imaginário e o brincar.

1.1 Literatura e a Criança: o mundo mágico

O Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (1986), conceitua o “ler” como “ver o que esta escrito”, conhecendo as palavras, “interpretar por meio da leitura”. Então a leitura pode ser entendida como a “compreensão de um texto”, de uma imagem que possa gerar uma interpretação do sujeito em relação ao objeto.

Conforme o educador Paulo Freire (1982, p. 11):

[...] o ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo parece a leitura da palavra.

Nessa perspectiva, a leitura faz com que compreendamos a sociedade que nos cerca, lendo o mundo de outros ângulos, instigando a nossa inteligência e a imaginação.

É necessário que o individuo explore novos conhecimentos, que esteja motivado e aberto na procura de elementos que incentivem a ler, pois cada vez mais a leitura se encontra acessível à população. Porém, estamos em uma era de tecnologias na qual se utilizam os novos meios de comunicação para se relacionar e obter conhecimentos. Essas tecnologias acabam desfavorecendo a interação com os livros, uma vez que para as crianças os mecanismos de comunicação tendem a ser um atrativo maior que os livros. Ou seja, elas não estão tendo estímulos para ler um bom livro, o que é de suma importância na formação do individuo.

Hoje se busca dedicar o mesmo tempo de aprendizagem para a expressão oral e para escrita, como meio de inserção do jovem na sociedade. Mas para que a

língua escrita permaneça viva é preciso manter e incentivar a prática de uma leitura constante.

Nesse sentido, o teórico Garcia (2001), considera:

[...] a leitura permite ter acesso à cultura e às experiências literárias, ampliar nosso conhecimento a adaptar-nos à sociedade pós-moderna (Tolchinsky, 1990), e que a escrita funciona como um meio de organizar e estruturar a informação, para gerar conhecimentos construir o pensamento lógico. (GARCIA, 2001, pg.46)

A prática da leitura é muito importante na formação da criança e deve-se fazer presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a compreender o mundo à nossa volta. A partir do momento em que elas desejam decifrar e interpretar o sentido dos objetos e seres que as cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a realidade em que vivem. No contato com um livro ela está, de certa forma, iniciando-se no hábito da leitura, embora muitas vezes não tenha consciência disso.

O trabalho de análise da experiência pedagógica da pesquisa apresentada neste TCC, parte da perspectiva de autores como Aroeira e Freire, pois se propõe a refletir sobre a contação e construção de histórias como forma de incentivo à leitura e à escrita, trazendo o lúdico para a sala de aula, a fim de propiciar atividades que desenvolvam o gosto pela leitura.

Conforme Aroeira (1996, p. 141), através da leitura e da construção de histórias a criança encontra meios de interagir consigo mesma, e seus conflitos.

Na concepção de Freire (1988):

A leitura não deve ser obrigatória, a leitura deve ser prazerosa, um bom livro lido com vontade é como vivenciar com os personagens suas emoções, sentir suas dores, suas alegrias, suas tristezas, ter seus anseios, seus desejos, seus temores, viver sonhos como se o leitor quando está lendo se sinta dentro da história junto com os personagens, mas sabemos que são poucos os leitores que leem com prazer para assim se sentirem (FREIRE, 1988, p.17).

De acordo com os autores aqui trabalhados, a contação e a leitura de histórias, têm um significado muito importante na vida da criança, servindo não só como estímulo para outras atividades prazerosas relacionadas à fruição da arte, como também para trabalhar os textos que através dos seus personagens, e auxiliam na solução de muitos conflitos emocionais pelos quais a criança esteja passando. Para estes autores, as histórias exercem um papel libertador e estimulante, tanto para quem ouve quanto para quem conta. Por isso, a hora do conto é um momento no qual se recupera o momento mágico, lúdico e prazeroso que a história proporciona, ampliando as relações entre quem conta e quem frui da contação.

Segundo Aroeira (1996), é por meio da história que a criança observa diferentes pontos de vista, amplia sua percepção de mundo e desenvolve a relação espaço-temporal. A história passa a ser um elo entre o mundo real e o mundo imaginário.

Na história a criança se projeta momentaneamente nos personagens e penetra no mundo da fantasia, vivenciando um contato com seus sentimentos e elaborando seus conflitos e emoções. A história funciona como uma ponte entre o real e o imaginário. (AROEIRA. 1996, p. 141)

Segundo Bussato (2005), as atividades de dramatização a partir da contação de histórias favorecem a aquisição de conhecimentos, o relacionamento e interação com os grupos, pois possibilitam representar algo do cotidiano, de um fato ou fenômeno social. A hora do conto proporciona aos alunos esta possibilidade, fazendo com que a criança se transporte para esse mundo mágico.

Conforme Elias, (2009), “a literatura pode nos levar a um mundo idealizado, capaz de nos dar, sem nos alienar, o que o cotidiano nos nega”. Nas brincadeiras realizadas a partir da contação de histórias, é papel do professor selecionar o tema a ser dramatizado, orientar os alunos neste processo, a este agir como facilitador, orientador e avaliador da participação do grupo. É seu papel, garantir ao aluno liberdade para imaginar e edificar suas produções pessoais segundo suas intenções, integrando os aspectos lúdicos e prazerosos, que lhe proporcionaram uma compreensão mais clara sobre o assunto desenvolvido.

O professor tem que estar ciente do seu objetivo na sala de aula, levando em conta a realidade do aluno, de forma que a leitura tenha significado na vida da dele e o estimule a buscar novas leituras.

O que se percebe em muitas escolas, é que a cada dia mais se deixa estes momentos de lado. A leitura vem sendo esquecida, se faz pouco uso de livros para incentivar as crianças à leitura, que por vezes, acaba sendo trabalhada como um fardo nas salas de aula.

A leitura [...] contribui para o desenvolvimento intelectual, ético e social dos alunos. Permite obter informação e ampliação do conhecimento, estimulando o desenvolvendo os processos mentais superiores, desempenhando uma importante função afetiva e uma função de recreação vinculada ao prazer [...] (GARCIA. 2001, p. 50)

Para que o aluno tenha o prazer de ler, é de suma importância que a escola e os professores estejam cientes da importância e função da leitura na vida da criança. Trabalhar a leitura não é simplesmente pegar um livro na biblioteca e levar para casa, vai muito além. É preciso trabalhar o conteúdo simbólico deste livro, ler e compartilhar a leitura, propor atividades diversificadas que estimulem a criança a gostar de ler, mas, para isso o professor precisa passa para o aluno a importância desta atividade.

A partir do momento em que a criança é capaz de imaginar, ela torna-se capaz de desenvolver a sua expressividade através de diferentes formas com a oralidade, a expressão plástica, musical e dramática passando a relacionar-se com o mundo de uma maneira qualitativa e diferente. (CUNHA 1999, P.97)

Para Elias (2009), a leitura leva a criança para um mundo no qual ela se identifica, tornando-se capaz de expressar e desenvolver sua oralidade. Sentindo-se capaz e entrando num mundo imaginário, fazendo com que a mesma entre na magia que a leitura a proporciona. Assim, afirma que:

As histórias ouvidas pela criança tem a magia de levar a criança a enriquecer-se emotiva, criativa, cultural e afetivamente. Valorizam a sociabilidade e o autoconceito positivo. Motivam o imaginário. Despertam o prazer de ler e de ouvir. Provoca uma ligação afetiva entre o adulto que usa o discurso e a criança que o decodifica. (ELIAS, 2009, p. 67)

Para o autor, de certa forma as histórias fazem com que a criança passe a sentir-se parte daquele mundo imaginário, valorizando a sociabilidade e o seu autoconceito. A leitura é de suma importância para a formação intelectual, cultural da criança. (ELIAS, 2009)

Um bom exemplo, que se pode citar, são os contos de fadas, que são extremamente importantes para o desenvolvimento da criança podendo grandes aliados na hora do conto.

Conto de fadas é uma história, que por conter um final feliz, reconforta e alivia as pressões internas presentes na criança, apresenta sempre uma situação a ser resolvida pelo herói ou heroína, geralmente sem nome próprio. Apenas são apontados como princesa, rei, rainha, mãe, madrasta, bruxa, etc.

Conforme considera Bettelheim (2007, p.14), “o conto de fadas é uma história, que por conter um final feliz reconforta e alivia as pressões internas presentes na criança”. Assim, considera que os contos de fadas têm papel importante na formação intelectual da criança, mexendo com o inconsciente da criança, ajudando a mesma a superar seus medos, temores e tristezas.

Conforme nos fala BUSATTO (2005), os contos de fadas transmitem a ideia que as dificuldades que surgirem em nossas vidas serão inevitáveis, e se a pessoa não desiste, não se intimida com as dificuldades, acaba sendo vitoriosa. As crianças necessitam de sugestões em suas vidas, que a leitura dos contos proporciona. Uma vez que mediamos estas sugestões a criança poderá lidar com as questões e desenvolver a sua inteligência a partir delas.

No conto de fadas, os processos internos são traduzidos em imagens visuais. Quando o herói é confrontado por problemas internos difíceis que parece desafiar uma solução, seu estado psicológico não é descrito; a história de fadas, por exemplo, mostra-o perdido numa floresta impenetrável e densa, sem saber que caminho tomar, desesperado em encontrar uma saída. Para todos que ouviram conto de fadas, a imagem e o sentimento de estar perdido numa floresta profunda e escura são inesquecíveis [...]. (BETTELHEIM, 1990, P.19).

Para os autores, o conto de fadas proporciona o encontro com o eu, a aceitação e a resposta, mesmo que imaginário, dos seus problemas internos, ajudando a criança a resolver seus conflitos.

Mas na relação pedagógica, uma experiência satisfatória não será possível se o professor não estiver aberto a novos conhecimentos, buscando atualização em prol dos alunos. O professor que não lê, não consegue auxiliar o aluno a compreender que ler é bom e importante, como bem nos lembra Smole (1999, p.20), “de algum modo a literatura aparece à criança como um jogo, uma fantasia muito próxima do real, uma manifestação do sentir e do saber, o que permite a ela inventar, renovar e discordar.” Para a autora, a criança, no momento em que se depara com uma obra literária passa a vivenciar situações antes não vivenciadas por ela, podendo discordar ou inventar um novo final para história, podendo utilizar suas vivências na construção do mesmo.

Para Bondioli e Mantovani (1998), o ato de contar histórias está inteiramente ligado à imaginação e à literatura, ampliando seu repertório cultural e propiciando o desenvolvimento subjetivo da criança, como veremos a seguir.

1.2 A Imaginação e a Infância

Bondioli e Mantovani (1998) destacam que, na interação entre a criança e a literatura a curiosidade em saber “o que vem depois”, faz com que a criança entre em contato com o mundo imaginário, utilizando o “faz de conta” para interiorizar esta brincadeira.

O jogo do faz de conta, até mesmo nas suas formas embrionárias, possui qualidades emocionais e afetivas que foram salientadas principalmente pela literatura psicanalítica. Observa-se que a criança não reproduz somente variações deformando a experiência real em função dos seus próprios desejos para acalmar suas próprias angústias. Os dois mecanismos da projeção e da identificação, mediante os quais se estabelecem relações dinâmicas entre o Eu da criança e a realidade, produzem justamente aquelas variações e aquelas mesmas que levam a definir o pensamento infantil como mágico e animista (BONDIOLI; MANTOVANI, 1998, p. 221).

Para os autores, o jogo de faz de conta, possibilita que a criança deposite as suas qualidades emocionais e afetivas durante a brincadeira, deixando transparecer suas dificuldades e anseios. Por outro lado, faz com que a mesma experimente um momento mágico, podendo esquecer suas angústias e medos.

No faz de conta a criança se coloca no lugar do outro, entrando em um mundo imaginário, só dela, no qual pode ocupar outro papel, um papel que não é o seu diariamente, superando as limitações da sua realidade. Assim, os autores Bondioli e Mantovani, destacam que o jogo de faz de conta nada mais é que uma brincadeira simbólica, no qual a criança aprende ludicamente, tendo um papel fundamental no crescimento da criança.

Craidy (2001) reforça a importância dos jogos e brincadeiras simbólicas, para a vida das crianças:

[...] os jogos e brincadeiras simbólicas tem um papel fundamental, pois, através deles, a criança vai aprendendo isso ludicamente, numa relação dela com outras crianças, num exercício de descentração e socialidade dos mais bonitos e importantes na sua vida. (CRAIDY, 2001, p.54)

Assim, a autora pondera que para que a criança possa ter livre acesso e sinta-se à vontade para entrar neste mundo, seria importante que o adulto entrasse nesse jogo juntamente com a criança.

Retomando as ideias de Bandioli e Mantovani (1998, p. 226) para “entrar no jogo”, “na medida da criança, o adulto é motivado a abandonar o papel de “adulto que brinca com a criança” e “fazer de conta”, que é uma criança, da mesma idade daquela com a qual esta brincando”. O adulto nesse momento precisa se livrar de amarras e preconceitos, criados pelo ser humano quando cresce. Assim, os autores refletem que o brincar para o adulto, não é mais algo vivenciado dia a dia, o que dificulta a ele brincar e rolar no chão com as crianças. E ressaltam:

A cumplicidade que se cria entre adulto e criança que brincam juntos não possui somente o efeito de oferecer à criança uma gama de possibilidades lúdicas posteriores, em relação àquela que poderia experimentar sozinha ou com os colegas, mas também permite ao adulto a redescoberta de aspectos de sua infância esquecida. A redescoberta, a compreensão, o reconciliar-se com a própria infância talvez seja um dos aspectos do profissionalismo dos educadores mais descuidado, menos estudado que, no controle do jogo, possui um papel central, pois sem a identificação da realidade infantil torna-se difícil, se não impossível, permitir, facilitar, potencializar também nas crianças aquele relacionamento satisfatório e criativo com o mundo que é ativado pela dimensão lúdica. (BONDIOLI E MANTOVANI, 1998, p. 227).

O adulto não percebe, mas se ele passa a brincar com a criança, assim como realizado na prática deste estudo, se entra conjuntamente nesse mundo simbólico, faz com que a criança sinta-se mais segura, conduzindo-a nessa descoberta de possibilidades, bem como, ocorre também para o adulto, que acaba recordando de sua infância, deixando a atividade mais lúdica e prazerosa. A criança, ao observar o educador ao seu lado, percebe o quanto é bom ser criança e tende a perder o medo de suas fantasias em relação ao mundo, muitas vezes desconhecido por ela.

A capacidade do adulto de entrar no jogo infantil como um companheiro que deixa a criança livre na escolha dos temas, na distribuição dos papéis, no controle do andamento e, ao mesmo tempo. (BONDIOLI E MANTOVANI, 1998, p. 226).

Assim, os teóricos consideram que, no momento que o adulto entra no jogo, deixando a criança livre para fazer as suas escolhas, ela desenvolve a confiança em si e no próprio adulto, vendo-o como um companheiro, bem como se sentindo a vontade para entrar no mundo da imaginação.

Segundo Cunha (2004, p.40), “a imaginação é a poderosa ferramenta que, ao sustentar o sentir, sustenta o raciocínio e, por ambos, cria o sonho. Além de permitir a construção de um imaginário social, constituído em sua cultura e tempo histórico”.

Outro ponto importante para o desenvolvimento do aluno, que também demanda imaginação é o jogo de imitação. Ao vivenciar esta experiência lúdica, a criança entra em contato com o mundo imaginário, colocando neste momento suas vivências e experimentando situações novas.

A interiorização de esquemas de ação adquiridos e sua representação mental e revelam-se também na “imitação diferenciada”, ou seja, na capacidade de reproduzir um modelo não imediatamente presente. Nas formas simbólicas das atividades lúdicas, caracterizados, segundo Piaget, pela assimilação dos objetos às exigências do Eu infantil. (BONDIOLI E MANTOVANI, 1998, p. 220).

A imitação faz com que a criança sinta-se mais viva, podendo representar outros papéis que não seja o seu próprio, que muitas vezes já são vivenciados no

seu contexto social, podendo dar margem a outras vidas. Neste momento estamos ajudando no desenvolvimento dessa criança, pois é na brincadeira que a criança nos mostra o seu potencial de crescimento, seja ele intelectual ou moral, como veremos a seguir.

1.3 A importância do “brincar”

O brincar é uma necessidade da criança. Seja a brincadeira uma atividade de faz de conta ou não, é através dela que a criança se liberta, manifestando esse desejo desde cedo. É neste momento, que passamos a perceber as escolhas dos alunos. Assim consideram Pires e Cruz (1999, p. 14).

Estes autores nos chamam a atenção para o fato de que “para ajudar a criança no seu desenvolvimento” devemos buscar “compreender sua natureza, e nessa busca encontramos o brincar, como uma necessidade básica que surge muito cedo nela.” Para Pires e Cruz (1999, p.13), a brincadeira é considerada a “primeira conduta inteligente do ser humano”, que aparece logo que a criança nasce, sendo de natureza sensório-motora. E ressaltam que no brincar:

[...] o conhecimento de si mesma, os papéis sociais evidenciados, o envolvimento com os parceiros e a característica prazerosa contida no jogo remetem a criança a um tipo de conhecimento da realidade, permitindo sua apropriação e representação, contribuindo para a construção do conhecimento e da personalidade. (PIRES; CRUZ, 1999, p, 14)

Assim, os diferentes autores aqui trabalhados, reforçam a ideia que no brincar a criança evidencia a sua personalidade, propiciando que a sua realidade se reflita na hora do brincar.

Na brincadeira podemos perceber até mesmo se algo não está bem na vida da criança, ela pois tende a reproduzir no momento de brincar o que ocorre com ela dentro e fora de casa, o que ajuda os educadores a lidar com algumas situações que possam ocorrer diariamente. A brincadeira acima de tudo contribui para o crescimento intelectual da criança, ajudando na construção do seu conhecimento e da sua personalidade.

Outro aspecto apontado pelos teóricos é que na brincadeira, a criança aprende a perder e a ganhar, trabalhando suas frustrações através do jogo das regras contidas nas brincadeiras, até mesmo na de faz de conta, que também possui regras.

Com base nestes referenciais, que permitem refletir sobre o potencial dos jogos e brincadeiras para o ensino e aprendizagem das crianças, parte-se do princípio que os professores deveriam utilizar mais desses mecanismos, para estimular os seus alunos a pensar e a serem solidários com os colegas, que constitui a oportunidade prática de ensinar a criança a compartilhar e a trabalhar em equipe, condutas de suma importância para formação da sua personalidade.

No próximo capítulo será apresentada a metodologia adotada para a realização desta pesquisa, os procedimentos da coleta de dados, para avaliação dos resultados, bem como a trajetória da ACM em Porto Alegre, o local e o público de Estudo.

2 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresenta-se a metodologia de pesquisa utilizada para a realização deste estudo. Sendo que a mesma consistiu em uma pesquisa qualitativa, com o uso de dados primários e secundários levantados por meio de pesquisa bibliográfica, documental e de observação de campo a partir da efetivação de oficinas pedagógicas realizada com 20 crianças atendidas pela ACM unidade Morro Santana. Como forma de avaliação dos resultados alcançados, adotou-se a realização de encontros e conversas com as crianças, posteriormente ao desenvolvimento das referidas oficinas.

2.1 O método escolhido

A metodologia de pesquisa desenvolvida é de caráter qualitativo, sendo que, conforme Richardson (1999), o método “não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas”, mas se propõe a interpretar o objeto em termos do seu significado. Para o autor:

A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social. O aspecto qualitativo de uma investigação pode estar presente até mesmo nas informações colhidas por estudos essencialmente quantitativos (RICHARDSON, 1999, p. 69).

Desta forma, a presente investigação contou com diferentes procedimentos metodológicos, desde a coleta de dados até a análise, a serem apresentados nos itens que se seguem.

2.2 Procedimentos da coleta de dados

Em etapa preliminar, realizou-se a coleta de dados, através de oficina oferecida às crianças, denominada “oficina de incentivo a leitura”. Esta organizou-se

em três encontros, nos quais se fez uso da prática de contação de histórias, e de recursos audiovisuais, como o vídeo.

No primeiro encontro, o vídeo trabalhado com as crianças foi “A menina que odiava livros”. A animação conta a história de Nina, uma menina que não gostava de ler, mas que, ao se deparar com o rico universo da literatura, descobre uma nova realidade. No primeiro momento, o vídeo foi exibido e, após os alunos terem assistido, abriu-se espaço de diálogo entre as crianças e a pesquisadora, acerca das impressões que elas tiveram, e foi proposto que elas confeccionassem um livro, a partir das suas impressões sobre o vídeo.

No segundo encontro, a proposta partiu da contação da história do livro infantil “A fada que tinha ideias”, que narra as peripécias de Clara Luz, uma fadinha que, ao invés de seguir as lições do “livro das fadas”, gostava de inventar as suas próprias mágicas. Após o momento de contação, as crianças, através de brincadeiras de “faz de conta”, experimentaram-se no papel de fada, criando suas próprias histórias e jogos.

No terceiro encontro, se deu continuidade ao trabalho referente à história “A fada que tinha ideias”. Trabalhando especificamente o capítulo intitulado “O aniversário de Vermelhinha”, que narra as confusões da personagem Clara Luz, e outros personagens da trama, envolvidos com uma festa. Após o momento da contação, foi proposto às crianças, que realizassem uma atividade lúdica com massinha de modelar, com base na história da personagem Vermelhinha.

Posteriormente à realização da oficina procedeu-se à avaliação dos resultados alcançados, através de encontro avaliativo das atividades, junto às crianças.

A escolha do vídeo deu-se em função da necessidade de introduzir o assunto e propiciar a identificação direta por parte das crianças. Já a obra “Fada que tinha ideias”, foi escolhida por ser uma história com fácil entendimento, bem como por conter elementos mágicos, que cativam as crianças e possibilitam a criação de situações de natureza simbólica.

2.3 Avaliação dos resultados

Para avaliar dos resultados obtidos na oficina realizada, conforme relatado anteriormente, foram eleitas questões, abordadas verbalmente com os alunos, buscando identificar suas impressões sobre a história e, a partir delas, analisar o que mudou em seu comportamento. Assim, com base nas observações e mediante conversas individuais com as crianças posteriormente às oficinas, buscou-se levantar alguns pontos, sendo estes:

- a) o que as crianças lembram da experiência;
- b) o que mais lhes marcou;
- c) como elas se referem à experiência vivenciada através da história;
- d) o que mudou a partir do trabalho realizado.

O levantamento desses aspectos permitiram a identificação da percepção das crianças sobre as atividades realizadas e serviram de base para a realização da avaliação dos resultados que serão apresentados posteriormente no capítulo de resultados e para concretizar os objetivos da pesquisa.

2.4 Caracterização do local e os sujeitos da pesquisa

Para melhor entendimento da realidade local, apresento a caracterização do espaço no qual a pesquisa se desenvolveu, trazendo uma breve revisão histórica quanto à entidade ACM, sua trajetória de implantação em Porto Alegre, e da Unidade Morro Santana, incluindo sua proposta pedagógica e também a caracterização do público atendido pela ACM, aqui estudado.

2.4.1 ACM - sua trajetória e proposta pedagógica em Porto Alegre

ACM é uma instituição sem fins lucrativos que foi fundada em Londres, em 1844, por George Williams, um rapaz do campo, que foi para Londres em 1841, em busca de trabalho. Já em Londres, Williams consegue um emprego na loja de tecidos Hitchcok & Rogers, onde encontraram outros 140 funcionários com uma história de vida muito semelhante à sua, ou seja, jovens vindos do campo em busca

de empregos desencadeados pela Revolução Industrial, o que o levou a refletir acerca das condições de desenvolvimento destes indivíduos expostos às diversidades pelas quais passavam.

Williams reuniu um grupo de empregados e, utilizando a sua religiosidade, criou um grupo de mediação e oração. Com o passar do tempo este grupo foi crescendo chegando a agregar funcionários de outras fabricas de Londres. Williams aproveitou a importância do seu grupo para lutar pela melhoria das condições de trabalho, conseguindo-a diminuição da carga horária de trabalho.

Segundo Rogrigues (2009), em estudo referente à história da ACM, Williams despertou

[...] o interesse de criar um grupo especial que visitaria as casa comerciais de Londres para discutir menores jornadas de trabalho, a erradicação do trabalho infantil e buscar um sentido de vida. Foram esses elementos que contribuíram para o surgimento da ACM mundialmente. Com mais de 160 anos de existência, a instituição está presente nos cinco continentes, em 122 países, com 14 mil sedes e 45 milhões de associados. Atualmente, é considerada a maior ONG do mundo. (RODRIGUES, 2009, P. 15)

Em 1893 a ACM chegou ao Brasil, instalando-se na cidade do Rio de Janeiro, trazida por missionários que foram disseminando a prática cristã através de atividades esportivas como ginástica, e de lazer, tendo por propósito a melhoria da qualidade de vida de seus frequentadores.

Em 1901 foi fundada a primeira ACM no Estado do Rio Grande do Sul, com sede no centro de Porto Alegre, hoje ocupada pela escola e clube desportivo da ACM, sendo esta a primeira a introduzir vários esportes no país até hoje existentes nas suas unidades, responsável pela criação de liderança para jovens. Sendo a primeira instituição a realizar a comemoração do Dia das Mães, em 1918, em Porto Alegre.

No seu estudo, Rodrigues(2009), considera:

Em 1984 e 1986 foi evidenciada, no relatório da comissão de planejamento da ACM de Porto Alegre, a necessidade de uma maior participação da ACM na comunidade, sendo este o documento condutor para a proposta de sistematização da Área de Desenvolvimento Social. Todas as unidades sociais da ACM de Porto Alegre são gerenciadas pela Área de Desenvolvimento Social, que se preocupa em trabalhar a educação no seu sentido pleno, educando crianças e adolescentes para aprender a ser, conviver, conhecer e produzir ao longo da vida. (RODRIGUES, 2009, p. 16)

Nesse sentido, a proposta Pedagógica da ACM é trabalhar o universo da criança e do adolescente a partir do desenvolvimento humano, destinando-se à educação integral.

Hoje a ACM de Porto Alegre reúne cinco projetos sociais, localizados em área de vulnerabilidade social. Dentre eles, a primeira instituição em 1976, a Fundação Cazemiro Bruno Kurtz, situada na Vila Cruzeiro, zona sul de Porto Alegre. E assim foram sendo criadas as outras instituições em locais de risco social, como ACM Vila Restinga Olímpica e ACM Morro Santana. Além das instituições, a ACM realiza projetos e programas especiais, como Centro Social João XXIII e Centro Refaz Cidadã.

2.4.2 ACM Morro Santana – o local e público do estudo

A instituição na qual foi realizada a prática chama-se Unidade Assistencial Dr. Antônio Moreno Morales, mais conhecida como Unidade Morro Santana, que iniciou suas atividades em 1993, em um posto de saúde com atendimento médico e odontológico à comunidade.

Rodrigues (2009), descreve as atividades existentes então:

Além dessas ações havia atividades desportivas para crianças e adolescentes de 7 a 15 anos e a realização do projeto “peso ideal” que consistia em atividades de ginástica destinadas, a senhoras da comunidade que faziam parte do grupo Unidos na Esperança e aos jovens a adultos da comunidade. (RODRIGUES, 2009, p. 17)

A partir de 30 de setembro de 2003, os atendimentos da ACM Morro Santana ampliaram-se, vindo ocupar um novo local, então de patrimônio da ACM, destinado apenas às atividades para crianças e jovens da comunidade.

O espaço físico é composto por uma grande área, na qual foram construídas duas salas de madeira, para atender 120 crianças, e uma barraca, na qual eram realizadas as refeições e algumas atividades ministradas pela ACM. (RODRIGUES, 2009)

Aos poucos, a ACM foi angariando recursos e, em 2007, deu início à construção e ampliação na parte de alvenaria, com parceria do Banco Regional de

Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE). O novo empreendimento seria composto por duas salas, cozinha e refeitório, e foi inaugurado em 20 de março de 2008. Com esse crescimento a instituição começou atender um número maior de crianças.

Atualmente a instituição organiza-se a partir de atendimentos especializados, para os quais todos os profissionais possuem curso superior, são qualificados em diversas áreas, como Pedagogia, Artes Plásticas, Educação Física e Informática. Além disso, contamos com estagiários e educadores sociais.

A instituição atende cinco turmas, distribuídas nos turnos da manhã e tarde, compostas por aproximadamente 20 crianças, que são atendidas de segunda a sexta, organizadas por faixa etária, da seguinte forma:

- a) Turmas A1 e A2, compostas por crianças de 6 a 8 anos de idade;
- b) Turma B, composta por crianças de 9 a 11 anos de idade;
- c) Turma C, que reúne jovens de 12 a 14 anos de idade;
- d) T.E – Trabalho Educativo, que reúne jovens de 15 a 18 anos, e se desenvolve três vezes por semana, com intuito de qualificação profissional.

A fim de esclarecer como vivem os alunos atendidos pela instituição, será contada brevemente a história da localidade e das famílias que ali vivem.

O relevo da região em que se localiza o Morro Santana é formado por rochas. A maior parte da área possui cobertura nativa, sendo que 60%, aproximadamente, é ocupada por Mata Atlântica.

Mas com o crescimento populacional, o cenário tem se modificado rapidamente, e o que vemos hoje são muitas casas, em sua maioria em situação precária, sem saneamento básico, água e luz, situação de vulnerabilidade social. Muitas das famílias moram em baixo de uma pedreira, e as casas lá existentes são de extrema pobreza e precariedade.

As famílias que são atendidas pela instituição lidam cotidianamente com empregos de baixo salário e atividades como biscates, como forma de sustento a, vivendo em pequenas casas, algumas em espaços de risco, com mínimas condições de saneamento básico e infraestrutura.

A falta de espaços de lazer na comunidade faz com que as crianças fiquem pelas ruas, o que as fragiliza como sujeitos, dificultando as suas relações com as famílias e abrindo espaço para o uso de drogas e o furto.

A Vila Chocolatão era uma pequena comunidade com aproximadamente 225 famílias que se situava ao lado do Parque Harmonia, nos fundos dos prédios da Justiça Federal, durante mais de 20 anos. As famílias que ali residiam tinham como fonte principal de renda a catação, triagem e reciclagem do lixo produzido nos prédios da Justiça Federal e na região central de Porto Alegre. Em suas casas e barracos não existia eletricidade, água encanada, e muito menos saneamento básico, porém tinham acesso a escolas e postos de saúde.



Figura 1: antiga Vila Chocolatão, no centro.

Até que a Prefeitura Municipal de Porto Alegre decidiu criar um projeto indicando uma nova área para a comunidade, que seria realocada para a Avenida Protásio Alves, nº 9.990, endereço distante mais de dez quilômetros desta área central da cidade.

Assim, no dia 12 de maio de 2011, a comunidade Vila Chocolatão foi realocada para o Residencial Vila Nova Chocolatão, que teria melhores condições de vida, como saneamento básico, luz, água, sendo contemplada com creches e quadra esportiva.



Figura 2: Residencial Vila Nova Chocolateiro¹, no Morro Santana.

Com este reassentamento das famílias, as crianças do agora ‘Residencial Vila Nova Chocolateiro’, que compõem essa comunidade, passaram a fazer parte do público atendido pela ACM unidade Morro Santana, e com estas vieram novas carências e novas problemáticas, a serem reconhecidas e entendidas, para que se possa realizar um efetivo atendimento.

Muitos dos educandos atuais estão em situação de rua, mendicância, abandono, “drogadição”, envolvimento com furtos, e alguns participam de gangues, apresentando dificuldades básicas de leitura e aprendizagem, especialmente no que se refere à escrita. As crianças que passaram a ser atendidas pelo Projeto necessitam de educação, limite, atenção, carinho e muito amor.

No total, são atendidas nessa unidade, 163 crianças e jovens, de famílias do Morro Santana e do Residencial Vila Nova Chocolateiro, através de um convênio com Fundação de Assistência e Cidadania de Porto Alegre (FASC), que prevê atividades de complementação educacional e socialização, realizadas no contra turno da escola regular dos alunos atendidos.

¹ Maiores informações sobre a Vila Nova Chocolateiro. Consultar diretamente no site da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Departamento Municipal de Habitação - Demhab. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/demhab/default.php?p_secao=103. Acesso em 20 de agosto de 2012.

3 RESULTADOS ALCANÇADOS

Neste capítulo, apresento os resultados alcançados pela pesquisa, trazendo o relato das atividades desenvolvidas, de algumas impressões que as crianças tiveram acerca das histórias trabalhadas, bem como mudanças e melhorias alcançadas.

Como apresentação tem por base os registros feitos pela pesquisadora no seu diário de campo, o relato é feito na primeira pessoa, o que confere um tom informal à narrativa.

3.1 Descobrindo Novos Saberes

Amanheceu mais um dia e as crianças da Vila Nova Chocolatão e Morro Santana, acordaram cedo para se arrumar para ir para ACM. Saem pelas ruas correndo para chegarem o quanto antes a mais um dia de atendimento. A entrada é às oito e meia, mas os alunos chegam às oito horas: a pressa e a vontade de estar no projeto fazem com que cheguem antes ou fiquem pendurados no portão e ou sentados na lixeira em frente, gritando pelos professores, querendo saber a que horas eles vão poder entrar.

Eis que chega a tão esperada hora. Abre-se o portão e entram as crianças, correndo em direção aos banheiros e ao bebedor, beijam e abraçam os educadores, entram para o refeitório para tomar o café.

Às nove horas da manhã, as crianças ficam no refeitório esperando os educadores chamarem as turmas para iniciar as atividades.

Chama-se a primeira turma do dia. Os alunos fazem a fila e ficam parados na porta da sala assim que chamo. Vou até a porta e eles entram, hoje estão agitadíssimos, entram correndo e gritando. Demora aproximadamente 15 minutos para que eles se acalmem, logo após explico o que faremos na aula do dia, e oriento que sentem no tatame de frente para o “notebook” que estava na cadeira, para assistir o vídeo “A menina que odiava livros”.

O filme conta a história de Nina, uma menina que não gostava de ler, mas que, ao se deparar com o rico universo da literatura, descobre uma nova realidade. Nina era uma menina que não gostava de ler. Seus pais tinham muitos livros em casa e ela não entendia como poderiam gostar de ler. Eis que um dia o seu gatinho

desaparece ela sai a procurá-lo e o encontra ele em cima dos livros. Ela chama e ele cai derrubando todos os livros no chão. Nesse momento saem todos os personagens dos livros e vira uma bagunça. E para colocar tudo no lugar Nina teve que ler cada história e, assim devolver os personagens a seus devidos livros. A partir desse momento a menina começa a gostar de ler.



Figura 3: As crianças assistindo o vídeo. Fonte: registros da autora (2012).

No primeiro momento algumas crianças não querem assistir, mas como mostra a figura 3, os alunos se concentram e gostam da história. Após o término do vídeo sentamos em roda e conversamos sobre a história. Depois foram feitas algumas indagações aos alunos.

Como proposta de trabalho complementar ao vídeo e roda de conversa, foi propus que cada aluno criasse seu próprio livro. Colocando os animais e as pessoas, criando uma outra história baseada no livro da Menina que odiava livros.

Segundo Piaget (1998, p.50) “com o jogo simbólico e o desenho, reforça-se a passagem da representação em ato à representação-pensamento.”.



Figura 4: Livro criado pelas crianças. Fonte: registros da autora (2012)

A empolgação foi tamanha que os alunos não queriam sair da sala. Queriam continuar enfeitando os seus livros e criando a sua história.

No segundo encontro, os alunos já chegaram agitados desde o portão, o café transcorreu agitado. Esperou-se que eles se acalmassem e a turma foi chamada, fazendo uma fila por ordem de altura, como sempre. Entraram correndo na sala, e novamente orientei que sentassem no tatame (local onde fazemos as atividades lúdicas). Fizeram uma roda e, como estavam muito agitados, demoramos a iniciar a atividade. Mesmo com essa agitação eu pude perceber que o momento da contação de histórias é o que os alunos mais gostam e prestam atenção.

Primeiramente apresentei o livro “A fada que tinha ideias”, contando quem era o autor, dando início à contação de história, e explicando aos alunos que trabalharíamos com alguns capítulos do livro.

Contei o primeiro capítulo, que explica quem era Clara Luz, personagem principal do livro, e a cada relato sobre as aventuras das fadas, os alunos iam chegando mais perto para olhar melhor e escutar atentamente. Para minha surpresa, eles pediram que fosse lida mais uma parte do livro. Ao final do segundo capítulo, combinamos que na próxima aula, seguiríamos com mais um capítulo.

Nessa atividade observei que, além de responder aos questionamentos, os alunos também queriam questionar, evidenciando que se sentiram estimulados. Os alunos queriam saber até mesmo se realmente existiam fadas. E alguns falaram que “acreditavam em fadas”, enquanto outros não. O que também me levou á observação do espaço para a imaginação e criatividade livre que foi proporcionado através da atividade de contação.

Na sequência desta atividade foi proposto e realizado um jogo de “faz de conta” a partir da história da “Fada que tinha ideias”. Nessa atividade as crianças criaram, de forma imaginativa, animais, amigos, casas, brinquedos, inventando “oralmente” suas histórias, imaginado “varinhas mágicas” em suas mãos.

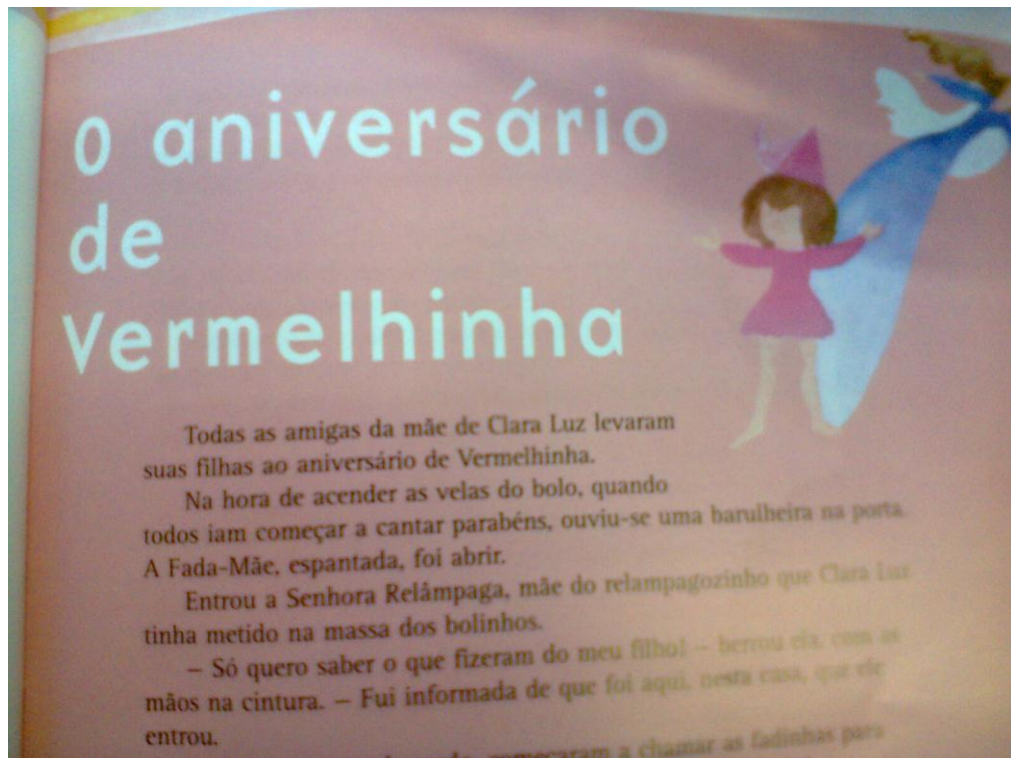


Figura 5: trecho do livro a Fada que tinha ideias. Fonte: Registro da autora 2012

No último encontro, em atendimento às combinações com a turma, contei o capítulo do aniversário de “Vermelhinha”, personagem principal do livro. Chegamos à sala e, como de costume, as crianças sentaram no tatame e fizeram uma roda. A maioria dos alunos estavam empolgados por ouvir contar mais um capítulo do livro, embora alguns não demonstrassem entusiasmo nem vontade de escutar, pelo

menos pareciam não escutar. Mas no final do capítulo deram suas opiniões acerca do aniversário, que era diferente dos deles, pois era no céu, e tinha convidados especiais como a “senhora Relâmpaga”, outra personagem da história.

Como atividade complementar a este dia de contação, orientei os alunos a sentarem nas cadeiras, para realizamos uma atividade com massinhas e modelar e folhas de ofício. Pedi a eles que recriassem a história trabalhada, através das massinhas, dando vida aos personagens e à festa de aniversário de “Vermelhinha”. Foi uma grande festa para eles: conversaram entre si, para ver o que iriam fazer o que teriam no trabalho. Apesar de ter sido proposta, uma atividade individual, eles conversaram muito, trocando ideias e auxiliando um ao outro na criação de suas peças.

Na figura 6, pode-se visualizar um dos trabalhos que as crianças fizeram, recriando o bolo do aniversário, a “Vermelhinha” e o foguetinho, personagens do capítulo contado em sala de aula.



Figura 6: trabalho de criação a partir do capítulo “O aniversário de Vermelhinha”.
Fonte: registros da autora (2012).

3.2 Impressões das crianças: da contação ao faz de conta

Uma semana após a realização das atividades de contação e as brincadeiras de faz de conta, conversei com as crianças primeiramente sobre o vídeo “A menina que odiava ler livros”, e posteriormente sobre a história “A Fada que tinha ideias”, buscando conhecer e analisar suas impressões sobre a história, avaliando o que mudou no comportamento e na relação entre os alunos, o que as crianças lembravam-se da experiência, e o que mais lhes marcou, e como elas se referem à experiência vivenciada através da história.

Para tanto, conversei individualmente com os alunos, primeiramente sobre o vídeo da menina que odiava ler livros e posteriormente sobre a história “A fada que tinha ideias”. Nos tópicos seguintes apresento as impressões das crianças acerca do trabalho desenvolvido, comentadas a seguir:

3.2.1 Sobre a menina que odiava ler livros

Inicialmente os alunos relataram o que se lembravam da história que assistiram, o que possibilitou perceber que alguns não haviam prestado atenção na história, pois não sabiam falar sobre ela, nem conseguiram identificar o que lhes chamou a atenção. Conforme apresentado no quadro 1.

Quadro 1. Percepções sobre o vídeo.

INDAGAÇÕES	RESPOSTAS DOS ALUNOS
Porque a Menina não gostava de ler livros?	“ela tinha preguiça de ler”; e “não sabia por que tinha que ler”.
Quando, ou por que a menina começou a gostar de ler livros?	“foi quando o gato dela sobe na pilha de livro dos pais, e cai a pilha toda no chão e os bichos saem dos livros, para ajudar os animais a voltarem para as suas respectivas histórias”. “quando ela começa a ler as histórias e acaba gostando de ler”.
Qual momento que mais lhes marcou?	Alguns relataram que gostaram muito da história e que ela era muito divertida, principalmente na hora que o gato derruba os livros e os personagens saem dos livros, fazendo com que a Nina lesse as histórias para ajudar os personagens a voltarem para dentro das suas histórias.

Fonte: conversas avaliativas com a autora (2012).

Nessa atividade foi notada a dificuldade de concentração dos alunos, pois alguns queriam conversar todo o tempo. De forma geral demonstraram ter entendimento sobre a história, manifestando interesse pelo assunto abordado no vídeo. Porém, as respostas sobre o vídeo, apontam o quanto um vídeo pode ter efeito dispersivo sobre uma turma. Porém reconheço este como uma boa ferramenta de uso em sala de aula, uma vez que vivemos em um mundo tecnológico e as crianças, cada vez mais, valorizam este contato.

3.2.2 Sobre a fada que tinha ideias

Ao relatar sobre a história da fada que tinha ideias, os alunos trouxeram uma riqueza de detalhes acerca dos capítulos trabalhados. Por se tratar de uma história de fadas os alunos se identificaram com a mesma. No quadro 2 seguem as percepções das crianças sobre a história da fada que tinha ideias.

Quadro 2. Percepções sobre o livro.

INDAGAÇÕES	RESPOSTAS DOS ALUNOS	QUESTIONAMENTOS DOS ALUNOS
O que as criança lembravam da história?	A grande maioria relatou que a história era muito divertida e que fazia com que eles imaginassem ela, como se ela estivesse ocorrendo com eles, pois Clara Luz era uma menina muito levada, e suas travessuras eram muito engraçadas.	“porque ela tinha tantas ideias diferentes?”
Qual o momento que mais lhes marcou?	Eles mencionaram que o que mais marcou foram as atividades que eram realizadas após a contação do capítulo. Também relataram ter gostado muito do momento no qual brincaram que eram fadas, faziam mágicas pela sala, pois, tiveram a oportunidade de correr livremente fazendo suas mágicas.	“realmente existiam fadas?”

Fonte: conversas avaliativas com a autora (2012).

Naquele dia em especial, realmente percebi um brilho no olhar deles. Observei que realmente estavam se sentindo bem, que eram crianças livres e

pareciam não vivenciar a violência, a pobreza, a fome, ou seja, que naquele momento eram crianças como as outras, soltando seus desejos e se libertando daquele mundo tão injusto no qual estão inseridas, vivenciando o belo, o mágico, desejando coisas boas e simples, correndo como se estivessem em um castelo e vestissem lindos trajes.

Naquele momento pude perceber que houve uma mudança e que acrescentou neles alguma coisa de bom, o gosto pelo brincar e o imaginar. Não esteve presente a tristeza, mas a alegria de brincar e de ser criança. Eles puderam conhecer uma história nova e entrar na magia que ela proporciona.

Como resultados alcançados observou que, a partir das ações pedagógicas desenvolvidas nos encontros, da observação e do registro da participação das crianças nas atividades propostas na pesquisa, foi possível perceber o quanto o incentivo à leitura pode motivar reflexões, debates e brincadeiras, promovendo a interação das crianças entre si e com a literatura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conteúdo analisado neste trabalho buscou, a partir do exercício prático em sala de aula, analisar o incentivo à leitura através do lúdico com crianças de 6 a 9 anos de idade.

O problema de pesquisa, buscou observar a possibilidade de despertar o interesse das crianças para a leitura de forma lúdica e prazerosa, garantindo um espaço de reflexão sobre uma proposta de trabalho que busque promover atividades lúdicas e pedagógicas capazes de despertar nas crianças o gosto pela leitura de forma lúdica e compartilhar aspectos da experiência pedagógica junto às crianças.

No início do trabalho junto à turma investigada, acreditava-se que seria difícil desenvolver atividades de contação de histórias contando apenas com a participação espontânea das crianças, que apresentavam problemas de atenção e dificuldades de aprendizagem. Mas, no decorrer da experiência, elas foram se envolvendo cada vez mais com as atividades propostas e pedindo mais histórias. Assim, foi possível perceber que a participação nas atividades de leitura tornou-se prazerosa, propiciando a elas vivenciar emoções, dores, alegrias, travessuras e aventuras, através do envolvimento com os personagens e tramas das histórias contadas em sala de aula.

Com as conversas informais realizadas com os alunos após as atividades realizadas, pude observar que muitos possuem dificuldades de concentração ou entendimento, pois não conseguiam responder aos questionamentos acerca da história trabalhada. Ao serem indagados sobre o que lembravam da história da menina que odiava ler livros, a maioria dos alunos ficou quieto, mas, ao serem questionados sobre a história da fada que tinha ideias, eles demonstraram interesse em responder, e relataram que ela era uma menina que gostava de fazer mágicas e travessuras, teimando com a mãe. Relataram sobre as atividades que realizamos, principalmente as do dia em que brincamos de faz de conta com a varinha imaginária, referindo-se ao momento como prazeroso, no qual eles gostaram muito de ser mágicos.

A partir das atividades desenvolvidas com as crianças pude perceber que o trabalho com a literatura e o lúdico é muito importante na formação intelectual da criança, e que a contação de histórias faz com que a criança tenha vontade de participar das aulas.

Nas práticas de sala de aula, em cada gesto, em cada olhar das crianças, pude perceber o quanto elas esperam de mim e o quanto nós professores somos referência, somos exemplos na sua formação.

As histórias trabalhadas permitiram às crianças imaginar como era possível uma menina não gostar de ler, e o quanto é importante o exemplo familiar na vida de cada um, uma realidade infelizmente não vivenciada por muitos dos alunos atendidos pela ACM.

As reflexões propiciadas pela narrativa da história da fada que tinha ideias proporcionou às crianças um contato com o mundo imaginário fazendo com que tivessem vontade de se experimentar no papel de fada, buscando mecanismos para entrar no mundo do faz de conta, que muitas vezes é o refúgio para os problemas que elas enfrentam no seu dia-dia junto às famílias e à escola.

Este curso de Especialização em Pedagogia da Arte, me possibilitou um maior contato com as artes, e uma maior dimensão da importância da arte no desenvolvimento da criança. Uma vez que já trabalhava com projetos artísticos, vislumbrei a possibilidade de aliar à contação de histórias, outras atividades artísticas que pudessem ser incorporadas à histórias infantis, auxiliando no processo educativo.

Desta forma, o curso e a realização deste trabalho de conclusão, foram de suma importância para qualificar o meu trabalho junto às crianças, agregando a arte e a contação de histórias na rotina pedagógica do atendimento prestado, bem como, serviu efetivamente para identificar os atuais alunos que demonstram problemas de concentração, criando um ambiente no qual eles puderam se expressar, possibilitando o seu melhor, mais humanizado, criativo e prazeroso atendimento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. L. de; **A fada que tinha ideias**. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- AROEIRA, M.; SOARES, M.; MENDES, R. **Didática de pré-escola: vida e criança:brincar e aprender**. São Paulo: Editora FTD, 1996.
- BAMBERGER, R. **Como Incentivar o Hábito da Leitura**. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- BETTELHEIM, B. **Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1980.
- BONDIOLI, A.;MANTOVANI, S. **Manual de Educação Infantil**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.
- BUSATTO, C. **Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2005.
- CUNHA, S. R. V. **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Editora Mediação,1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- ELIAS.J. **Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.
- PEREZ, F.; GARCIA, J. R. A alfabetização como meio de recriar a cultura. In: **Ensinar ou aprender a ler e escrever?- aspectos teóricos do processo de construção significativa, funcional e compartilhada do código escrito**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2001. p.45-51.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.
- RODRIGUES, k. M. da S. **A garantia da participação das famílias na ACM-Morro Santana**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Serviço Social do Centro Universitário IPA – Instituto Metodista do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Serviço Social. Porto Alegre, 2009.
- SMOLE, K. C. S.; CÂNDIDO, P. C.; STANCANELLI, R. **Matemática e Literatura Infantil**. Coleção Apoio. Belo Horizonte: Editora Lê, 1999.

PAWAGI, M. **A menina que odiava (detestava) livros**. Editora Terramar, 2005.

Disponível em:

<<http://arteemtodaaparte.wordpress.com/2011/07/26/a-menina-que-detestava-livros>>. Acesso em 05 de junho de 2012.

PAWAGI, M. A menina que odiava (detestava) livros. Vídeo disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=geQl2cZxR7Q>> Acesso em 19 de junho de 2012.